

INFORMAÇÕES

(Continuação da pág. 3)

Ofertório solene para a Diocese: O ofertório das Missas do próximo fim de semana, dias 5 e 6, reverte para a Diocese, a ser entregue no Ofertório solene da Missa de encerramento da Semana da Diocese. Leve para casa um envelope para nele trazer a sua oferta.

Reunião da Comissão Fabriqueira: Na próxima sexta-feira, dia 4, às 21 h., no Centro de Convívio, o pároco reúne com os membros do Conselho Paroquial para os Assuntos Económicos.

Donativos para a nova Igreja e Centro Paroquial: Foram entregues esta semana os seguintes donativos para a construção da nova Igreja e Centro Paro-

quial: Águeda de Jesus Martins Ramos – 60 € (mensal); Anónima – 70 €; José Augusto Almeida Faria – 30 € (mensal); Lucília Marques Rodrigues – 15 € (mensal: Ago. a Out.); Margarida de Jesus Sousa Lima – 90 € (mensal: Out. a Dez.); Anónima – 10 € (mensal); Anónimo – 5 €. Bem hajam!

Donativos para os sinos da nova igreja: Esta semana foram entregues, expressamente para a aquisição e montagem dos sinos da nova igreja, os seguintes donativos: Margarida de Jesus Sousa Lima – 30 €; Nazaré – 2 €; Martins – 5 €; Teresa Branco – 10 €. Total recebido para os sinos – 6.080 €. Parabéns aos que têm contribuído. Bem hajam!

MISSAS			
Dia	Hora	Intenções	
31	Seg	18,30	Luís Gonçalves Vieira; Maria das Dores Macedo
1	Ter	10	Aristides Passos; Luís Silva da Rocha, Maria José da Silva, José Rodrigues da Costa e Maria José Alves de Sousa; Madame Aubert; Luís Gonçalves Vieira; Maria das Dores Macedo
2	Qua	19,15	Todos os Fiéis Defuntos
3	Qui	18,30	José Augusto Pereira Chiado; Maria das Dores Pereira Carriço; José de Fátima Ferreira Chiado; Abílio Pereira Carriço; Maria Machado e António Maria Rodrigues; José Machado Rodrigues; Rosa de Araújo Fernandes; José Camilo da Costa Ramos; Francisco Rodrigues Gomes e José de Araújo Gomes; Arlindo Martins de Sousa Miranda; Maria da Conceição Vilela da Silva Viana; Armando Gonçalves Martins; Manuel Narciso de Sousa Ramos; Deolinda de Jesus Alves Novo; Luís Gonçalves Vieira; Maria das Dores Macedo
4	Sex	18,30	Artur Azevedo Alves; José de Oliveira e Silva; Luís Gonçalves Vieira; Maria das Dores Macedo; Manuel Armindo Alves Peixoto
5	Sáb	18,30	Alfredo Cerdeira Esteves; Carlos Manuel Martins da Silva; Olinda Rosa Rodrigues, Clemente Leal e família; Luís Gonçalves Vieira; Maria das Dores Macedo
6	Dom	10	Domingos Fernandes, Conceição Coelho e José Pedro Coelho; Carlos Alberto Viana Cunha Matos; Helena Passos; José Guimarães; Angelina Mesquita; Armando Martins Arezes e Maria Miquelina; Maria Rosa Monteiro

PARÓQUIA VIVA

N.º 565 – 30/10/2011

Boletim Litúrgico-informativo • Senhor do Socorro - Viana do Castelo

Telefone: 30 200 99 91 / 258 80 67 56 / Telemóvel: 93 63 22 123 / Fax: 30 200 65 54

E-mail: paroquiasocorro@sapo.pt / Web: www.senhordosocorro.org • Sai todos os Domingos



31.º Domingo Comum – Ano A



«Jesus falou à multidão e aos discípulos, dizendo: “... Vós, porém, não vos deixeis tratar por ‘Mestres’, porque um só é o vosso Mestre e vós sois todos irmãos. ... Quem se exalta será humilhado e quem se humilha será exaltado”.» (Evangelho)

Uma imitação requeitada: Nota sobre o romance "O último segredo", de José Rodrigues dos Santos

O romance de José Rodrigues dos Santos, intitulado “O último segredo”, é formalmente uma obra literária. Nesse sentido, a discussão sobre a sua qualidade literária cabe à crítica especializada e aos leitores. Mas como este romance do autor tem a pretensão de entrar, com um tom de intolerância desabrida, numa outra área, a história da formação da Bíblia por um lado, e a fiabilidade das verdades de Fé em que os católicos acreditam por outro, pensamos que pode ser útil aos leitores exigentes (sejam eles crentes ou não) esclarecer alguns pontos de arbitrariedade em que o dito romance incorre.

1. Em relação à formação da Bíblia e ao debate em torno aos manuscritos, José Rodrigues dos Santos propõe-se, com grande estrondo, arrombar uma porta que há muito está aberta. A questão não se coloca apenas com a Bíblia, mas genericamente com toda a Literatura Antiga: não tendo sido conservados os manuscritos que saíram das mãos dos autores torna-se necessário partir da avaliação das diversas cópias e versões posteriores para reconstruir aquilo que se crê estar mais próximo do texto original. Este problema coloca-se tanto para o

Livro do Profeta Isaías, por exemplo, como para os poemas de Homero ou os Diálogos de Platão. Ora, como é que se faz o confronto dos diversos manuscritos e como se decide perante as diferenças que eles apresentam entre si? Há uma ciência que se chama Crítica Textual (Crítica Textus, na designação latina) que avalia a fiabilidade dos manuscritos e estabelece os critérios objectivos que nos devem levar a preferir uma variante a outra. A Crítica Textual faz mais ainda: cria as chamadas “edições críticas”, isto é, a apresentação do texto reconstruído, mas com a indicação de todas as variantes existentes e a justificação para se ter escolhido uma em lugar de outra. O grau de certeza em relação às escolhas é diversificado e as próprias dúvidas vêm também assinaladas.

Tanto do texto bíblico do Antigo como do Novo Testamento há extraordinárias edições críticas, elaboradas de forma rigorosíssima do ponto de vista científico, e é sobre essas edições que o trabalho da hermenêutica bíblica se constrói. É impensável, por exemplo, para qualquer estudioso da Bíblia atrever-se a falar dela, como José Rodrigues dos Santos o faz, recorrendo a uma simples tradução. A quantidade de incorrecções produzidas em apenas três linhas, que o autor dedica a falar da tradução que usa, são esclarecedoras quanto à indigência do seu estado de arte. Confunde datas e factos, promete o que não tem, fala do que não sabe.

2. Chesterton dizia, com o seu notável humor, que o problema de quem faz da descrença profissão não é deixar de acreditar em alguma coisa, mas passar a acreditar em demasiadas. Poderíamos dizer que é esse o caso do romance de José Rodrigues dos Santos. A nota a garantir que tudo é verdade, colocada estrategicamente à entrada do livro, seria já suficientemente elucidativa. De igual modo, o apontamento final do seu romance, onde arvora o método histórico-crítico como a única chave legítima e verdadeira para entender o texto bíblico.

(Continua na pág. 3)

31.º Domingo do Tempo Comum – Ano A

LITURGIA DA PALAVRA

1.ª leitura: Mal. 1, 14b – 2, 2b.8-10

2.ª leitura: 1 Tess. 2, 7b-9.13

Evangelho: Mt. 23, 1-12

- Padrão de vida -

Embora a actual crise em que o nosso País – e não só – está mergulhado não seja boa, nem desejável, ela pode ser encarada como uma excelente oportunidade para nos questionarmos sobre o padrão de vida por que a nossa vida era pautada.

Todos sabemos a importância que era dada ao ter, às aparências, ao usufruir de todas comodidades, ao possuir o último grito das tecnologias, ao não ficarmos atrás do vizinho ou do colega de trabalho. E, para isso, recorriamos a empréstimos sobre empréstimos, comprometendo levemente o nosso futuro e o futuro dos nossos filhos, vivendo irresponsavelmente numa espécie de loucura colectiva, até que... surgiu esta crise, que a todos, qual fortíssimo sismo telúrico, nos apanhou desprevenidos e entramos todos em pânico!

A Palavra do Senhor que escutamos neste Domingo, oferece-nos uma oportunidade de revermos estes critérios de vida e de abraçarmos voluntariamente um estilo de vida mais simples, mais frugal, mais humilde e fraterno, capaz de nos ajudar a descobrir onde estão as verdadeiras fontes da nossa felicidade, as quais, aliás, continuam ao nosso alcance, bem perto de nós.

Nos meus arquivos, fui encontrar uma história contada em “power point”, de que aqui reproduzo o texto:

Um pai rico, desejando muito que o seu filho soubesse o que era ser pobre, levou-o a passar uns dias numa família de agricultores. A criança passou lá três dias e três noites. Durante a viagem de regresso, o pai perguntou ao filho:

- Que tal? Gostaste da experiência?
- Sim, respondeu o filho de forma pouco expressiva.

- Mas, aprendeste alguma coisa?
- Olhe, pai, aprendi:

- Que nós temos um cão e eles têm quatro;

- Que nós temos uma pequena piscina de água tratada no jardim e eles têm um grande rio, de água cristalina, com peixes e outras coisas bonitas;

- Que nós temos um jardim iluminado, e eles têm as estrelas e a lua a iluminá-los;

- Que o nosso jardim só chega até ao muro, enquanto o deles se estende até ao horizonte;

- Que nós compramos a comida, mas eles preparam a deles;

- Que nós ouvimos CD's e eles escutam uma sinfonia contínua de pássaros, grilos e outros pequenos animais... e isso, às vezes, acompanhado pelas canções do vizinho, enquanto trabalha a terra;

- Que nós usamos o micro-ondas, enquanto a comida deles tem o sabor de ser preparada em fogo lento;

- Que nós estamos rodeados de muros com alarme para estarmos seguros, enquanto eles, nem as portas fecham, porque estão protegidos pela amizade dos vizinhos;

- Que nós vivemos ligados ao telemóvel, ao computador, à televisão, enquanto eles estão ligados à vida, ao céu, ao sol, à água, ao verde dos campos, aos animais, à sombra das árvores, à sua família.

E, depois de algum silêncio, o filho arrematou:

- “Obrigado, Pai, por me teres ensinado o quão pobres nós somos!

Pe. José de Castro Oliveira

INFORMAÇÕES

Todos os Santos e Fiéis Defuntos: Terça-feira, dia 1 – Dia de Todos os Santos, com Missa às 10 h.; Quarta-feira, dia 2 – Dia dos Fiéis Defuntos, com Missa às 19,15 h. As Visitas de Oração ao Cemitério serão: Em Areosa, no dia 1, às 15 h. e no dia 2, às 10 h.; No Cemitério Municipal, no dia 1, às 15 h. e no dia 2, às 8 h. Estes são os horários habituais, a confirmar com os respectivos párocos.

Semana da Diocese: Celebra-se esta semana, de 30 de Outubro a 6 de Novembro, a Semana da Diocese, da qual destacamos: Quinta-feira, dia 3, às 18 h., na Sé de Viana – Concelebração Eucarística da Dedicção da Igreja Catedral, comemorativa do 34.º aniversário da criação da Diocese; Sábado dia 5, às 10 h. – Abertura Solene das Aulas da Escola Superior de Teologia e Ciências Humanas (ESTCH), no Instituto Católico; Domingo, dia 6, às 15,30 h., na Sé – Encerramento da Semana da Diocese, com uma Concelebração presidida pelo nosso Bispo D. Anacleto Oliveira, com ofertório solene, das paróquias e outras instituições diocesanas, para a Diocese. Participe!

(Continua na pág. 4)

Uma imitação requeitada: Nota sobre o romance "O último segredo", de José Rodrigues dos Santos

(Continuação da 1.ª página)

A validade do método de análise histórico-crítica da Bíblia é amplamente reconhecida pela Igreja Católica, como se pode ver no fundamental documento “A interpretação da Bíblia na Igreja Católica” (de 1993). Aí se recomenda o seguinte: «os exegetas católicos devem levar em séria consideração o carácter histórico da revelação bíblica. Pois os dois Testamentos exprimem em palavras humanas, que levam a marca do seu tempo, a revelação histórica que Deus fez... Consequentemente, os exegetas devem servir-se do método histórico-crítico». Mas o método histórico-crítico é insuficiente, como aliás todos os métodos, chamados a operar em complementaridade. Isso ficou dito, no século XX, por pensadores da dimensão de Paul Ricoeur ou Gadamer. José Rodrigues dos Santos parece não saber o que é um teólogo, e dir-se-ia mesmo que desconhece a natureza hipotética (e nesse sentido científica) do trabalho teológico. O positivismo seródio que levanta como bandeira fá-lo, por exemplo, chamar “historiadores” aos teólogos que pretende promover, e apelide apressadamente de “obras apoloéticas” as que o contrariam.

3. A nota final de José Rodrigues dos Santos esconde, porém, a chave do seu caso. Nela aparecem (mal) citados uma série de teólogos, mas o mais abundantemente referido, e o que efectivamente conta, é Bart D. Ehrman. Rodrigues dos Santos faz de Bart D.Ehrman o seu teleponto, a sua revelação. Comparar o seu “Misquoting Jesus. The Story Behind who Changed the Bible and Why” com o “O Último segredo” é tarefa com resultados tão previsíveis que chega a ser deprimente. Ehrman é um dos coordenadores do Departamento de Estudos da Religião, da Universidade da Carolina do Norte, e um investigador de erudição inegável. Contudo, nos últimos anos, tem orientado as suas publicações a partir de uma tese radical, claramente ideológica, longe de ser reconhecida credível. Ehrman reduz o cristianismo das origens a uma imensa batalha pelo poder, que acaba por ser tomado, como seria de esperar, pela tendência mais forte e intolerante. E em nome desse combate pelo poder vale tudo: manobras políticas intermináveis, perseguições, fabricação de textos falsos... Essa luta é transportada para o interior do texto bíblico que, no dizer de Ehrman, está repleto de manipulações. O que os seus pares universitários perguntam a Ehrman, com perplexidade, é em que fontes textuais ele assenta as hipóteses extremadas que defende.

4. Resumindo: é lamentável que José Rodrigues dos Santos interrogue (e se interroge) tão pouco. É lamentável que escreva centenas de páginas sobre um assunto tão complexo sem fazer ideia do que fala. O resultado é bastante penoso e desinteressante, como só podia ser: uma imitação requeitada, superficial e maçuda. O que a verdadeira literatura faz é agredir a imitação para repropor a inteligência. O que José Rodrigues dos Santos faz é agredir a inteligência para que triunfe o pastiche. E assim vamos.

Secretariado Nacional da Pastoral da Cultura